



SABERES MAGÜTA: LUGAR DE FALA E PERTENCIMENTO ANCESTRAL

*MAGÜTA KNOWLEDGE: THE PLACE OF SPEECH AND ANCESTRAL
BELONGING*

*EL CONOCIMIENTO MAGÜTA: UN LUGAR DE DISCURSO Y PERTE-
NENCIA ANCESTRAL*

DOI: 10.5281/zenodo.20711251



Maria Auxiliadora Coelho Pinto¹

Isac da Silva Nunes²

RESUMO

O presente artigo apresenta os resultados da pesquisa *Saberes Magüta: lugar de fala e pertencimento ancestral*, desenvolvida na comunidade indígena de Otawari, localizada às margens do Alto Rio Solimões, no município de São Paulo de Olivença, no estado do Amazonas, norte do Brasil. O estudo teve como objetivo investigar literaturas indígenas a fim de compreender os processos culturais e formas identitárias dos Magüta da comunidade pesquisada. Deste modo, busca promover reflexões sobre as diferentes formas de compreensão do mundo a fim de ampliar o debate sobre a pluralidade de saberes. Trata-se de uma pesquisa descritiva, de abordagem qualitativa, realizada por meio de entrevistas, conversas informais, registros escritos e fotográficos, gravações e diário de campo. As escutas ocorreram em diferentes espaços da comunidade, como a casa de farinha, a cozinha durante o preparo dos moqueados, os caminhos da roça e as áreas de cultivo, favorecendo a espontaneidade das contribuições. Os entrevistados foram cinco: duas anciãs, um ancião pajé e dois sábios historiadores tradicionais, reconhecidos como guardiões dos conhecimentos culturais do povo Magüta. Os resultados evidenciam que as narrativas orais constituem importantes mecanismos de transmissão dos ensinamentos ancestrais, fortalecendo a identidade étnica, os vínculos de pertencimento e a educação

1 Doutora em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM. Brasil. E-mail: mcpinto@uea.edu.br

2 Graduado em Licenciatura Intercultural pela Universidade do Estado do Amazonas - UEA. Brasil. E-mail: idsn.ped19@uea.edu.br

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v. 4 n. 6 (2026) - DOSSIÊ ESPECIAL:
Conhecimento, Formação e Transformação Social

**A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição
(CC BY)**





tradicional. Além disso, revelam a riqueza dos saberes indígenas preservados pelos anciãos e anciãs, reafirmando seu papel fundamental na continuidade cultural e na valorização das tradições do povo étnico.

Palavras-chave: Saberes Indígenas; Narrativas Oraís; Ancestral; Magüta.

ABSTRACT

This article presents the findings of the research “Magüta knowledge: a place of voice and ancestral belonging”, conducted in the indigenous community of Otawari, located on the banks of the Alto Solimões River in the municipality of São Paulo de Olivença, in the state of Amazonas, northern Brazil. The study aimed to investigate indigenous literature in order to understand the cultural processes and forms of identity among the Magüta people of the community under study. By doing so, the study fosters reflection on different ways of understanding the world, contributing to broader discussions on the plurality of knowledge. This is a descriptive study with a qualitative approach, conducted through interviews, informal conversations, written notes and photographic records, audio recordings, and a field diary. The interviews took place in various locations of the community, such as the traditional flour-processing house, the kitchen during the preparation of smoked foods, and the paths leading to cultivation areas, encouraging spontaneous contributions. There were five interviewees: two elderly women, an elderly shaman, and two wise traditional historians, recognized as guardians of the Magüta people’s cultural knowledge. The results show that oral narratives serve as important mechanisms for transmitting ancestral teachings, strengthening ethnic identity, a sense of belonging, and traditional education. Furthermore, they reveal the richness of indigenous knowledge preserved by the elders, reaffirming their key role in cultural continuity and in valuing the traditions of the ethnic group.

Keywords: Indigenous Knowledge; Oral Narratives; Ancestral; Magüta.

RESUMEN

Este presente artículo presenta los resultados del proyecto de investigación “*Conocimiento Magüta: Un lugar de habla y pertenencia ancestral*”, realizado en la comunidad indígena de Otawari, ubicada a orillas del río Alto Solimões, en el municipio de São Paulo de Olivença, en el estado de Amazonas, al norte de Brasil. El estudio tuvo como objetivo investigar literaturas indígenas para comprender los procesos culturales y las formas de identidad del pueblo Magüta en la comunidad estudiada. De esta manera, busca promover reflexiones sobre las diferentes maneras de comprender el mundo y así ampliar el debate sobre la pluralidad del saber. Se trata de una investigación de estudio descriptivo con un enfoque cualitativo, realizado mediante entrevistas, conversaciones informales, registros escritos y fotográficos, grabaciones y un diario de campo. Las sesiones de escucha se pasaron en diferentes espacios de la comunidad, como en la casa de harina, la cocina durante la preparación de ahumados, los senderos rurales y las zonas de cultivos, fomentando así las contribuciones espontáneas. Fueron cinco entrevistados: dos ancianas, un chamán anciano y dos sabios historiadores tradicionales, reconocidos como guardianes del conocimiento cultural del pueblo Magüta. Los resultados demuestran que las narraciones orales constituyen mecanismos importantes para la transmisión de enseñanzas ancestrales, el

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v. 4 n. 6 (2026) - DOSSIÊ ESPECIAL:
Conhecimento, Formação e Transformação Social

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição
(CC BY)





fortalecimento de la identidad étnica, el sentido de pertenencia y la educación tradicional. Además, revelan la riqueza del conocimiento indígena preservado por los ancianos, reafirmando su papel fundamental en la continuidad cultural y en la valoración de las tradiciones del grupo étnico.

Palabras-clave: Conocimientos Indígenas; Narraciones orales; Ancestral; Magüta.

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa *Saberes Magüta: lugar de fala e pertencimento ancestral* traz subsídios importantes brotados dos saberes de anciãos e anciãs por meio de suas memórias culturais. Ao dar centralidade às vozes indígenas, este estudo promove reflexões acerca das diferentes formas de compreender as coisas e o mundo. Nesse contexto, amplia o debate sobre a pluralidade de saberes, evidenciando a relevância dessas narrativas. Esta é uma contribuição social e cultural.

O objetivo geral da pesquisa é investigar literaturas indígenas a fim de compreender os processos culturais e formas identitárias dos *Magüta* da comunidade Otawari. Os objetivos específicos foram: evidenciar literaturas indígenas por meio da transmissão dos saberes dos antigos *Magüta*; e descrever as narrativas orais indígenas Ticuna da comunidade de Otawari para evidenciar aos sujeitos sociais a textualidade e o valor cultural que elas possuem.

Esta pesquisa, de natureza qualitativa, utiliza a investigação descritiva. Foi desenvolvida por meio do trabalho de campo, privilegiando técnicas como observação participante, registro etnográfico e entrevistas semiestruturadas, que possibilitaram uma aproximação aprofundada com as experiências e perspectivas dos interlocutores. Foram cinco entrevistados: duas anciãs, um ancião pajé e dois sábios historiadores tradicionais.

No trabalho de campo, acompanhou-se e ouviu-se os interlocutores na cozinha durante o preparo dos moqueados, na cozinha, no caminho da roça e na beirada do roçado. Foi desafiador chegar até a comunidade, que fica nas adjacências do município de São Paulo de Olivença, Amazonas. O local é distante e requer aporte financeiro para o deslocamento; é





preciso utilizar canoas com motores rabetas para adentrar na comunidade Otawari. Para além, fez-se uso de registros escritos e fotográficos, gravações e diário de campo.

Espera-se que o leitor deste estudo tenha um olhar sensibilizador sobre o que realmente queremos transmitir. Deste modo, o artigo está organizado em sete tópicos, a contar com esta introdução, seguindo assim: a história do povo Magüta e a comunidade indígena de Otawari, que apresenta aspectos históricos, culturais e territoriais do povo pesquisado; a ancestralidade e os ensinamentos dos *Magütagü*, que aborda a importância da ancestralidade na constituição dos saberes tradicionais; as contribuições dos saberes ancestrais na educação tradicional, que discute o papel desses conhecimentos nos processos educativos da comunidade; narrativas orais, saberes de guardiões e guardiãs Magüta, seção dedicada à apresentação e análise das narrativas compartilhadas entrevistados; e, por fim, as considerações finais.

2. A HISTÓRIA DO POVO MAGÜTA E A COMUNIDADE INDÍGENA DE OTAWARI

Quando se fala de população indígena, anciãos e anciãs têm as suas percepções sobre a história do surgimento do seu povo. Para falar dela em relação ao povo Magüta, primeiramente, foi dito que eles são os primeiros donos da terra no Brasil e no Amazonas. O povo Magüta afirma que entrou em contato com o povo não indígena e a partir disso tudo mudou, saíram das aldeias clônicas para viver em comunidade e ambientes urbanos construídos pelos não indígenas.

Buscou-se descrever mediante as vozes de anciãos e anciãs. Na entrevista aberta, perguntou-se isso aos mais velhos de grandes sabedorias e a resposta foi: “somos povo Magüta, nascemos no Alto Solimões e por aqui viveremos para sempre”. A indígena Márcia Kambeba (2020, p. 18) poeticamente reafirma: “nasceu forte e brilhante, acolhendo os seres que viviam aqui, fértil gera a vida, faz o bem até para quem a tenta ferir”. Somos parte da terra, como ela é parte de nós.





Nessa terra o Magüta/Ticuna tem seus pertences; nela criam tantas coisas, a exemplo das roças plantadas no território demarcado. Cada semente lançada ao solo é um pacto com o passado e uma promessa para o futuro. Mais do que pedaço de chão, o território é a história viva: o lugar onde os ancestrais caminharam, onde os filhos crescem e onde a cultura se renova. As roças não produzem apenas o alimento que sustenta o povo; elas cultivam a autonomia, preservam os saberes dos mais velhos e garantem a permanência da descendência. Demarcar a terra é proteger a vida, a memória e a liberdade de existir nesse território.

O povo Magüta/Ticuna depende da cultura tradicional, deixada pelos seus ancestrais. No estado do Amazonas, são maioria em relação às outras etnias indígenas. Neste chão são fortes, guerreiros e lutam por seus direitos. Lutarão sempre para que sua cultura tradicional não seja desvalorizada por ninguém. Têm suas crenças, seus gritos, seus ritos e seus *wijae* (músicas).

A nação Magüta é originária do Alto Solimões, Amazonas. Foram os não indígenas que vieram de fora e chegaram nas terras indígenas com ganância de pegar os seus lugares; a história dos conquistadores não é contada do jeito certo. Infelizmente, é a história que se ouve contar desde quando eles se entendem por gente. O Amazonas é o lar deles e parte de sua riqueza; o seu valor e a sua identidade cultural são dessas terras amazonenses. Eles possuem suas riquezas, como ouro, diamante e outras para o bem da cultura tradicional. Isso com o maior respeito que se tem ao povo.

Os Magüta (ou *Pogüta*) são pessoas do *Yo'i* e *Ipi*, surgidas da natureza. Fala-se de *Yo'i* e *Ipi*, que são seus civilizadores e guerreiros; com eles começaram as grandes histórias do surgimento do povo Magüta e de seus descendentes. O maior orgulho é que são *Magüta*, indígenas pescados por seus grandes deuses *Yo'i* e *Ipi*. Antes deles já existia o único grande deus guerreiro, chamado de Ngutapa. O Ngutapa não tinha família e seus pais para sustentar, pois surgiu junto com a natureza. Depois conheceu a companheira Mapana, criaram-se juntos.

No mesmo lugar, vivia parente de Ngutapa. Era onde estava erguida a montanha sagrada *Taiwegüne*, no igarapé *Tunetü*. Naquele tempo, a terra ainda estava se formando, o





mato era baixinho e o rios ainda tinham pouca água. Lá eles viviam. Isso é ensinado quando ainda se é pequeno e é o que se deve levar para a sociedade. É importante repassar para a educação nas escolas indígenas, mas os educadores não trabalham mais como antes as contações das histórias antigas sobre a origem do povo Magüta no espaço do Solimões.

Os não indígenas declaram que cuidam da Amazônia, mas não é verdade, pois há muitos interesses envolvidos. Se as terras indígenas não fossem demarcadas, eles já teriam tomado o território daqueles povos e de seus familiares. Eliane Potiguara (2021) diz que “nos perdemos tantas vezes que não tenho conta a dizer. Nos perdemos nos anos e nos perdemos no espaço”. Para os povos originários, a terra não é uma mercadoria, mas um espaço sagrado de existência coletiva. Sem a demarcação, a cobiça ameaça destruir não apenas os recursos naturais, mas o tecido social e a ancestralidade que sustentam essas comunidades.

O maior impulso de lutas criado pelas lideranças indígenas foi em 1970. Eles mesmos falam que foi nesta data que iniciaram um grande levante em prol da saúde e educação através do Conselho Geral da Tribo Ticuna (CGTT). Atualmente, percebe-se o reflexo disso nas formações dos indígenas que já adquiram o mais alto nível de escolaridade. Portanto, as lutas não foram em vão; serviram de alicerce para que as coisas acontecessem.

Otawari é uma comunidade indígena constituída pela população da etnia Ticuna. Fundada em 21 de março de 1970 e pertencente ao município de São Paulo de Olivença, situa-se na área ribeirinha do Alto rio Solimões. O nome Otawari surgiu por motivo de um ser do mundo dos encantos: um galo encantado que cantava no alto da montanha sagrada chamada *Otawari*. Neste sentido, o nome foi dado como referência mística; Otawari tem a significação de “Gente do Morro”. Muitos fatos misteriosos envolviam e envolvem essa referida montanha.





Figura 1 - Comunidade indígena de Otawari



Fonte: Nunes, 2024.

A constituição populacional do lugar deu-se por causa da enchente do rio Solimões, que acontece todo ano (nos meses de agosto e setembro), que acaba interferindo na vida das pessoas, principalmente aquelas que estão nas comunidades ribeirinhas. Muitos se deslocam para outros espaços durante as enchentes dos rios; os Ticuna residentes da comunidade de Otawari são migrantes da área de várzea. Eles vão em busca de terras firmes durante a estiagem. Em Otawari foi assim, buscavam os locais mais altos e as terras firmes; deste modo, foram se fixando no local e formando a comunidade.

No início de sua fundação, o local possuía apenas três famílias e três casas, totalizando 21 pessoas. Os primeiros moradores da comunidade foram os senhores: Arante Juvelino Rabelo, Adalberto Germano Mariano, Abrão Juruti Bonifácio e Paulo Afonso Nunes. Eles migraram para o local em busca de terras firmes e, ao chegarem ao local, logo prosperaram com criação e plantio de roças em Otawari. Essas pessoas vieram de Vendaval. Após quinze anos, migraram para outro lugar e lá fundaram outra comunidade, chamada de Vila Ribeiro.



Naquela época as casas eram feitas de palhas de caraná e de paxiúba, um material retirado da natureza, que o povo Magüta utiliza até hoje. Atualmente, a comunidade possui mais de 40 casas construídas de madeiras e de zinco. Possui uma escola. Antes tinha um posto de saúde no local, mas não existe mais pois a comunidade foi esquecida pela área da saúde. Os enfermeiros ficam até dois dias para atender as necessidades básicas dos moradores com quadros de febre, diarreia e outros.

Na comunidade Otawari era de costume as festas serem realizadas pelos brancos, quando os jovens se envolviam com bebida alcoólica. Isso trouxe muitos prejuízos sociais, pois muitos deles não queriam mais saber de estudar; mesmo tendo os professores, que vinham de outras comunidades, não havia interesse. A educação estava cada vez mais comprometida. Até que o cacique da comunidade, Sildomar Genézio, fez uma reunião com os comunitários e expôs os prejuízos que o alcoolismo estava causando aos comunitários, principalmente aos jovens. Foi então que o cacique ordenou a volta mais intensiva da Santa Cruz, para que houvesse outro tipo de conduta das pessoas.

As manifestações baseiam-se nas tradições religiosas da Santa Cruz, com toda comunidade junta. Realizam a festa no dia 19 de março, em homenagem ao aniversário da Santa Cruz. A festividade tem duração de três dias, encerrando-se com cerimônias de batizados e casamentos coletivos. É importante lembrar que a Missão Ordem Cruzada Católica Apostólica Evangélica tinha como responsável o missionário Irmão José Francisco da Cruz, quem a trouxe e implantou no Alto Solimões. Ele pregava a palavra de Deus em todas as comunidades ribeirinhas e como símbolo de referência religiosa implantava as cruzes por onde passava.

Com a decisão do cacique, Sildomar Genézio, de implementar novamente a Santa Cruz, os jovens passaram a trabalhar na roça com seus pais e a fazer objeto natural. Os homens com os trabalhos voltados à fabricação de canoa, remo, flechas, caniço de pesca e zarabatana; e as mulheres na tecelagem de maqueira ou rede de tucum, peneira de arumã, argila de barro, colar, pulseira e etc. Todos passaram a ajudar no sustento da família. O trabalho coleti-





vo começou a ser fortalecido novamente. Os objetos artesanais passaram a serem feitos novamente para uso.

Vale mencionar que a habitação tradicional dos tempos passados era a maloca clânica, onde agregava todos os clãs familiares. Residiam e viviam em harmonia, mas aos poucos tudo foi desaparecendo e o povo passou a habitar em comunidade (as famílias clânicas foram separadas). O sentido da coletividade também foi sendo deixado no esquecimento. Nessa perspectiva, a transmissão dos saberes aos poucos foi se modificando. A modernidade trouxe um novo enfoque para a vida dos povos indígenas, o que não foi ruim, mas os conhecimentos tradicionais também são importantes porque definem a identidade da nação Magüta.

A cultura indígena da etnia Magüta é praticada por todos. Com mais vigor é tradicionalmente praticada pelos mais antigos, que buscam resistir para que não seja esquecida pelos mais jovens que já absorveram da sociedade atual outros costumes. Permanecer com as práticas culturais e as tradições do grupo étnico tornou-se um ofício pelos sabedores tradicionais.

Tendo compreendido brevemente sobre a percepção do Magüta a respeito da história do seu povo no Alto Solimões, de modo especial sobre a comunidade indígena de Otawari, local da pesquisa, passamos à seção posterior, onde será contemplada a ancestralidade e os ensinamentos do coletivo étnico.

3. A ANCESTRALIDADE E OS ENSINAMENTOS DOS MAGÜTAGÜ

“Os ensinamentos nos pertence”, assim diz o velho da etnia Magüta/Ticuna do Alto Solimões. Esses indígenas dão valor à sua cultura e às histórias da ancestralidade. Como sujeitos originários, afirmam que tudo o que produzem (a exemplo dos seus objetos naturais) tem pertencimento, e os saberes transmitidos por eles têm um lugar especial de fala. Diante disso, deve-se comparar a literatura (ou história antiga, assim entendida para as pessoas mais velhas da comunidade). Criar momentos para se poder contar histórias ancestrais é importante, porque é onde também se educa, além dos valores e visão para o mundo no qual





estão. Kambeba (2020, p. 62) menciona: “buscar conhecer seu passado histórico, compartilhando conhecimentos e saberes, tendo como ensinamento a experiência dos que são a memória viva”.

O modo de se compreender o mundo indígena é diferente. Enquanto o não indígena é muito afoito, apressado e quer uma resposta imediata, o indígena compreende as coisas como realmente são no compasso do tempo, sem pressa. A paciência é desenvolvida na educação familiar e junto à diversidade dos saberes tradicionais indígenas, que eles levam para a vida.

O lugar de fala e de pertencimento para os indígenas Magüta exige seriedade, porque fala-se do que lhes pertence, como, por exemplo, a cultura tradicional. Tudo aquilo que eles têm dentro dela, na verdade, é patrimônio do seu povo e só quem é indígena tem domínio e lugar de fala. Ninguém sabe mais sobre a essência dessa cultura do que o próprio indígena. Cada ser foi batizado com sua identidade cultural própria do Magüta; como símbolo, o grande valor é dado ao nascer.

Eles são felizes quando praticam e representam a sua cultura, bem como quando trabalham durante o dia nas roças. Isso quer dizer que estão no lugar onde falam e se divertem ao falar do pertencimento e da sua cultura tradicional, trazendo muitas oportunidades, uma vez que é parte deles. A cultura do Ticuna é diferente da cultura dos brancos, eles são felizes com aquilo que têm para o seu bem, seu futuro e bem-estar da sua nação. Algumas das riquezas de sua cultura são: a língua materna; o objeto natural de fazer remo; como fazer flecha; criar zarabatana; e plantar macaxeira.

O que eles vivem na sua cultura tradicional não há como viver em pensamento errado; não pensar com a percepção dos brancos, não se fazer ou se tirar aquilo que é dos brancos. Eles dão valor à sua cultura e não têm vergonha de falar em sua língua materna Ticuna diante dos brancos, de escrever em sua língua materna, de traduzir em sua língua materna, de praticar rituais que representam a cultura, de fazer a festa da moça nova e aprender a prática do que representa na sua cultura.





O lugar de onde se fala é o seu canto e isso representa o lugar que ocupam, seja na roça tirando a casca da mandioca, seja junto com o seu povo ou com o seu escudo identitário. Eles têm o protagonismo de pertencimento das coisas sobre a cultura. A cultura tradicional é importante para o povo Magüta, que sabe praticá-la: saber como produzir diversos objetos naturais, pescar e fazer muitas coisas que foram ensinadas, como a festa da moça nova (*Worecū arü yüütchiga*).

Os mascarados, com seus bastões de danças esculpidos com as pinturas de entrecascas de árvores, estão na cerimônia da festa da moça nova, comemorada em várias comunidades. Essa festa é a principal praticada hoje em dia, pois eles a consideram a única os velhos não deixam ser esquecida na cultura. Os avós (ou velhos) não contam muitas coisas com cisma de ser tomado de si e levam consigo para a eternidade; quando contam, é para quem muito confiam.

O sujeito Magüta sempre dá valor à sua cultura, porque ela representa tantas coisas no caminho futuro em que deseja chegar. Há a lembrança do guerreiro que lutou por eles: o senhor Pedro Inácio, o primeiro Cacique geral do povo Magüta. Ele batalhou muito para a demarcação da área indígena Magüta/Ticuna, bem como para valorizar a cultura tradicional do povo pescado no Eware.

Os ancestrais ensinaram ao povo Magüta e àqueles que os descenderam que tudo vem da natureza, ela fornece a matéria-prima. Há muitas árvores de arumã no centro e na floresta das comunidades, porém são espinhosas e a tala pode cortar as mãos da pessoa que vai retirar. É preciso coletar com cuidado. Esse manejo delicado exige não apenas atenção física, mas também o respeito aos ensinamentos dos mais velhos, que sabem o tempo certo e a forma correta de extrair a fibra sem esgotar a planta.





Figura 2 - Corte e coleta de arumã (*nhuacü ya tche'eü ya depe*)



Fonte: Silva, 2024.

Após a colheita minuciosa, a tala do arumã passa por um processo de preparação para ser transformada em cestarias, tipitis e outros utensílios essenciais para o cotidiano e para a identidade visual do povo Magüta. Assim, o domínio dessa técnica artesanal reflete a paciência e a profunda simbiose entre o indígena e a biodiversidade da floresta, transformando uma matéria-prima desafiadora em arte e resistência cultural.

É importante saber que não se tira qualquer arumã, tem que ser o verdadeiro e próprio para esse tipo de objeto, para maior durabilidade dos artesanatos. Sobre a coleta do arumã, o senhor Paulino Manuelzinho (*Naitchatecü*), de 81 anos, do clã Saúva, explicou: “a arumã verdadeiro é aquele bem verde e duro, as folhas bem verdes; e com ele podemos fazer e criar muitos objetos naturais, se quiser” (informação verbal, 2024).



Os antigos moradores da comunidade indígena Otawari dizem que o pé de arumã retirado da floresta é beneficiado pelas mãos talentosas das mulheres Magüta/Ticuna, que se valem dos saberes ancestrais e de muita habilidade para criar leves e sofisticadas luminárias, cestos e peças cheias de luz, força e energia da floresta. Com os fios são feitos os trançados e lindos artesanatos, como peneira, baú de peneira, *woturá*, tipiti e outros objetos tradicionais.

A confecção desses artefatos vai muito além da utilidade doméstica, pois cada trançado carrega grafismos e padrões que narram a cosmovisão e a história do povo Magüta. O uso do *woturá* no transporte da colheita e do tipiti no preparo da mandioca conecta o trabalho diário nas roças aos rituais de sustentação da comunidade. Assim, ao transformar o arumã em objetos de uso cotidiano e ritualístico, os artesãos materializam a memória de seus ancestrais, garantindo que a tecnologia tradicional Ticuna permaneça viva e integrada ao manejo sustentável da floresta.

Figura 3 - Tipiti de talas de arumã



Fonte: Silva, 2024.



Na comunidade, a maioria das famílias utiliza o tipiti para secar, ou seja, espremer a massa de macaxeira (ou mandioca), que se transformará em farinha depois de torrada no forno feito de barro. Além da farinha, as batatas da mandioca e macaxeira fazem parte da culinária indígena Ticuna, como também são usadas no preparo das bebidas tradicionais muito ingeridas pelo povo, principalmente nas festas e nos rituais.

Figura 4 - Massa de mandioca espremida em tipiti de arumã



Fonte: Silva, 2024.

Todos esses produtos são procedentes da natureza, oriundos da Mãe Terra, que para os indígenas são dados pela figura feminina que cuida, protege e fornece alimentos. Kambeba (2020, p. 62) aponta que “a natureza é mãe e nos alimenta, por isso, há por parte das populações indígenas e dos que vivem às margens dos rios uma preocupação quanto ao tratamento que se está dando a esses recursos preciso a humanidade”.

Essa relação de filiação com a terra molda uma ética de cuidado que rejeita a exploração predatória, pois entende-se que cada elemento retirado da floresta necessita de reciprocidade e respeito para não se esgotar. Assim, ao reverenciar a Mãe Terra como provedora de vida e cultura, o povo Magüta reafirma o seu papel histórico de guardião da floresta, assegurando que o equilíbrio sagrado entre a humanidade e o meio ambiente seja preservado para o bem-estar das futuras gerações.

**Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v. 4 n. 6 (2026) - DOSSIÊ ESPECIAL:
Conhecimento, Formação e Transformação Social**

**A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição
(CC BY)**





Os indígenas que atualmente vivem na comunidade, assim como os de antigamente faziam, usam arumã para fazer diversos objetos utilitários, como peneira.

Figura 5 - Peneira de arumã



Fonte: Silva, 2023.

Essa continuidade na produção do artesanato em Otawari demonstra que a juventude local preserva as técnicas manuais dos anciãos, mantendo viva a autonomia da comunidade. Ao confeccionar e utilizar os seus próprios utensílios no dia a dia, o povo reforça o vínculo material e espiritual com o território ancestral.

O paneiro e o pacará de arumã demonstram em seu trançado que a ancestralidade está presente nos saberes de cada artesão, transformando a geometria dos fios em uma linguagem visual que reconecta o presente aos ensinamentos dos antepassados.



Figuras 6 e 7 - Paneiro e Pacará de arumã



Fonte: Silva, 2023.

Cada nó e cada variação de cor na fibra revelam histórias de resistência, mitos de criação e a identidade única do povo Magüta. Por conseguinte, essas peças deixam de ser meros recipientes utilitários para se tornarem documentos vivos, onde a técnica guardada na memória dos mais velhos é eternizada pelas mãos das novas gerações.

Quando se tira fruta verde, põe-se nas folhas de arumã e guarda-se em um local onde ninguém possa mexer. Depois de uma semana, abre-se o paneiro de arumã e as frutas verdes trazidas da floresta já estarão maduras. Observa-se que a natureza oferta os alimentos, o que faz refletir quando Kambeba (2020, p. 62) aconselha: “vamos respeitar a vida, respeitando a natureza e os povos indígenas em sua totalidade de serem filhos do sol, da água e da terra”.



Figura 8 - Peneira de arumã verde carregada com frutas (*wotūra ya depe naca i icü i nhumatchi ori nagu nucucü*)



Fonte: Silva, 2023.

Essa prática tradicional de maturação revela como o conhecimento sobre a flora local se converte em tecnologia comunitária e autônoma, dispensando artifícios externos. Ao utilizar as folhas e os trançados de arumã para mediar o tempo da própria floresta, o povo demonstra que o respeito à vida, citado por Kambeba (2020), se materializa nos mínimos gestos do cotidiano, onde a paciência humana se alinha aos ciclos geradores da Terra.

Falou-se sobre o arumã e os objetos feitos de talas ou fibras de arumã para compreender, de fato, o que é arumã. Assim como o arumã que existe para fazer qualquer objeto natural, igualmente existe o tucum, com muitas utilidades para os artesanatos indígenas, como produzir as redes naturais (conhecidas como maqueira de tucum) que o povo Ticuna costuma usar para descansar ou dormir. Embalar-se em maqueiras faz parte do costume dos ribeirinhos amazonenses. Nelas, os indígenas harmonizam seus pensamentos, pensam nas estratégias das caçadas e das pescarias ou descansam delas.

Também cabe mencionar o jenipapo, um fruto do qual se extrai a tintura para pintar a pele e prevenir o envelhecimento precoce, já que contém flavonoides (compostos bioativos com ação antioxidante). Como dizem os velhos, o jenipapo é sagrado, pois desde antigamente não se pode brincar com ele e, durante a sua utilização, é preciso ter muito cuidado.

**Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v. 4 n. 6 (2026) - DOSSIÊ ESPECIAL:
Conhecimento, Formação e Transformação Social**

**A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição
(CC BY)**





Com ele se define o grafismo de nação (ou clã) e isso serve para localizar a identidade da comunidade, ou seja, para que o outro saiba quem eles são e qual tipo de pessoa eles são. Os clãs podem ser: Avaí, Arara, Maguari, Onça, Mutum, entre outros; todos identificados pelas pinturas clônicas. Além disto, essa forma de identificação é muito utilizada durante a festa da moça nova para que não ocorra incesto; a pintura é tida como referência desse divisor.

Antigamente, quando o povo Magüta fez a sua primeira festa da moça nova, havia muitas pessoas com pinturas corporais e faciais, mas, antes, os mais velhos mandavam as moças novas se guardarem em cima do teto de uma casa até chegar o dia de sua pelação para estarem imunes e preparadas. O pai da moça nova entra numa labuta diária na produção da roça até crescer a sua plantação de macaxeira e, enquanto isso, a moça nova fica confinada. Quando cresce a macaxeira, várias pessoas são convidadas para a colheita.

O pai da moça nova posiciona-se à frente dos convidados e vai dançando com seu instrumento feito de avai (semente das matas amazônicas) em direção à roça. Quando chega, corta a macaxeira e todos gritam “yüüüüüüüü”. Desse modo iniciam a retirada da batata da mandioca, com a qual será feita a bebida tradicional, o pajuaru. No retorno da roça, dançam ao som das batidas do Avaí e vão em direção à casa da moça nova; todos os participantes, dançando, dão a volta ao redor da casa até colocarem dentro dela as mandiocas colhidas. No local, o pai da moça nova convida novamente seus companheiros para tirarem a casca de mandioca e gritarem “yüüüüüüüü” ao terminar essa tarefa.

Posteriormente, realiza-se a lavagem da mandioca, que é levada para o preparo ao longo de uma semana. Após esse período, torra-se a farinha para a elaboração do pajuaru. Quando essa etapa é concluída, realiza-se o processo de descanso do produto (conhecido como “deitar a massa”), a qual se transforma em pajuaru por meio da incorporação da manixava (a própria folha da macaxeira), utilizada para conferir um sabor adocicado à bebida. Passados dois dias, momento em que a caiçuma atinge a prontidão, a mistura - ainda em processo de maturação - é transferida para um recipiente utilitário específico, no qual ocorre a filtragem e o escoamento completo do caldo.



Quando está tudo pronto, acontece a grande festa. Contudo, antes, o dono da festa (o pai da moça nova) vai caçar animais na mata. Ao voltar, chega com caça, a exemplo de porco do mato, boi do mato (anta) e outros animais que servirão para serem moqueados ou assados no dia da festa. O pai também recorre à pescaria de peixe dos tipos: pirarucu, tambaqui, tucunaré etc. O local deve ter comidas e bebidas sortidas como forma de agradecimento; somente assim a festa pode acontecer.

Os convidados trazem seus pertences (como os instrumentos iburi, coêru e outros) para a festa e para eles se distribui a fruta de jenipapo para as pinturas corporais. Cada convidado vai se integrando e faz a sua parte na festa, que ocorre até o outro dia. Na manhã seguinte, chegam os mascarados, que invadem a casa e a festa da moça nova. No momento das diversões, vão pegando os seus pequenos agradecimentos: peixe assado ou carne assada.

No dia posterior, após a apresentação dos mascarados, acontece o momento mais significativo e o ponto alto do rito da moça: a saída dela do *turi* (às três horas da tarde), onde ficou confinada durante três dias, e arrancar os cabelos da *Worecü* (moça nova). Quando terminam de arrancar o cabelo, levantam a jovem e cantam uma música da moça nova. Corre-se ao redor de cada casa e gritam assim: “*guacumagu, guacumagu, guacumagu*”. Isso quer dizer que cada um que canta, que grita mais bonito, irá ganhar algo da moça nova.

Em outro dia, levam a moça nova para tomar banho no igarapé, em um caniço que serve para pescar. O senhor, que é o pajé do povo, manda a moça nova mergulhar dentro da água para que nela seja tudo seguro e fechado o seu corpo virgem. Após tirarem a moça nova de dentro da água, tiram toda a sua roupa, trocam a roupa dela e lá cantam uma música para moça nova, os mesmos cantores do povo Magüta. Depois disso, termina a festa da moça nova. Isso lhes foi ensinado pelo criador *Yo’i*.

A cultura Magüta tem incorrências que só os seus membros compreendem, assim como a natureza tem seus mistérios. Tudo que existe vive como os seres humanos, tem coração. No entanto, o humano tem atitudes estranhas, gosta de derrubar as árvores. Na floresta, elas são derrubadas pelos ventos fortes, mesmo assim a árvore reage ao perder a sua vida. Não





se entrega facilmente, seja pela ação do homem ou ação do vento. A floresta vive como a gente e, para sua sobrevivência, cada árvore precisa de alimentação e respiração.

Os animais e os insetos que vivem no mato ou na floresta precisam das árvores para sua sobrevivência, elas são utilizadas como seus abrigos ou casas. Os animais cuidam porque é o seu *habitat* natural. Ainda, existem os donos que cuidam da mata, tudo que tem dentro da floresta, debaixo da mata e até aquilo que a gente não consegue ver.

O fenômeno da chuva tem também seus mistérios, dizem os mais velhos. Para os sábios Magüta/Ticuna existem dois tipos de chuvas: a natural, que é comandada pelo universo e ocorre quando há o processo na atmosfera; existe a chuva que primeiro se espalha pelo universo, comandada pelo mundo espiritual e provocada por raio e trovão, que tem a interferência de *Yewae* (cobra grande). Ao começar a agir pelo universo, onde há lagos que refletem a sua sombra, é como arco-íris, dando sinal que vai chover. E quando chove é porque *Yewae* começa a jogar a água, acompanhada por ventos fortes e trovões, do mundo espiritual para o universo. Essa água está armazenada no mundo.

Na visão dos indígenas Magüta/Ticuna, a chuva do universo é a vida que traz diversas representações para a sua cultura tradicional. Logo, é o elemento central da reprodução que ajuda as plantas, mas também é simbólica para eles e para as suas comunidades tradicionais. Shiraishi (2007, p. 14) descreve o termo comunidade da seguinte forma:

o termo “comunidade”, em sintonia com a ideia de “povos tradicionais”, deslocou o termo “populações” reproduzindo uma discussão que ocorreu no âmbito da OIT em 1988-89, e que encontrou eco na Amazônia através da mobilização dos chamados “povos da floresta”, no mesmo período. O “tradicional” como operativo e como reivindicação do presente ganhou força no discurso oficial, enquanto o termo “populações”, denotando certo agastamento, tem sido substituído por dinâmica de mobilização, aproximando-se por este viés da categoria “povos”.

Nesta parte abordou-se sobre identidade cultural; artesanatos confeccionados com matérias-primas da natureza; a festa da moça nova, que envolve ritos, bebidas e comidas tradicionais; e mistérios da natureza. A partir do que foi exposto, salienta-se que o modo do





indígena compreender o mundo é diferente, seus conhecimentos conferem um lugar especial de fala. Isto posto, continuamos com o tópico que discorre sobre os saberes dos anciãos.

4. AS CONTRIBUIÇÕES DOS SABERES ANCESTRAIS NA EDUCAÇÃO TRADICIONAL

Na comunidade indígena, quanto mais velhas as pessoas forem, mais respeitadas são. São vistas como sábias, de muitas experiências. Quando se trata da convivência com a floresta, não tem quem questione: conversam com as plantas, sabem como manuseá-las em caso de produzir remédios naturais (que eles chamam de caseiro) e conhecem os perigos da floresta. Têm as suas formas de conduzir de acordo com a sabedoria adquirida ao longo da vida.

Nos tempos passados, a vida dentro da educação era escutar os mais velhos; não importava se os mais velhos não tinham estudos ou não sabiam escrever. Sem a preocupação com formações, eles têm os seus conhecimentos e sua fala para dar os maiores e importantes conselhos para a geração futura.

Considera-se que os indígenas Magüta têm os seus valores e suas crenças, que não serão esquecidas pelos mais velhos. Com eles, os mais jovens aprendem muito, mas devem guardar esses ensinamentos, porque depois estarão no lugar deles. Sabe-se que a vida se constitui dentro de um ciclo. Hoje são eles e amanhã serão as novas gerações, portanto, constata-se a necessidade de dar continuidade aos saberes tradicionais, o que envolve o aprendizado do autocuidado, da atenção à saúde coletiva e dos processos de cura e benzedura, além do manejo correto das plantas medicinais. Helena (1997, p. 30) diz que “se aprende a cuidar da saúde, benzer, curar doenças, conhecer plantas medicinais”.





Os saberes indígenas apresentam uma imensa riqueza cultural, a qual deve ser integrada à educação tradicional familiar e comunitária. Na infância, o processo de socialização comunitária ensina que desvios de conduta ou conflitos geram consequências simbólicas e físicas, exemplificadas pela narrativa pedagógica da abelha que ferra. Tradicionalmente, as infrações sociais (como conflitos entre irmãos ou primos) eram passíveis de punições por forças cosmológicas. Estabeleciam-se severas interdições sociais e tabus de comunicação entre parentes decorrentes de condutas errôneas, o que evidencia o papel regulador desses mitos na manutenção da harmonia social.

O ensinamento é viver bem durante o tempo todo e não criar problemas, porque naquele tempo era assim, tudo era sagrado por deus Yo'i. No tempo sagrado, era proibido proferir palavras que não fossem aceitas pelos ancestrais ou termos pejorativos. Quem descumprisse essa regra era castigado pela abelha *Matchi'i*, um inseto perigoso que, com seu ferrão venenoso, picava a boca de quem cometia essa infração. E essa história vem desde antigamente, de como educar e ensinar na infância do povo Magüta.

No processo de constituição familiar, torna-se fundamental a transmissão de saberes práticos e a formação educativa das novas gerações. Esse aprendizado abrange técnicas essenciais de subsistência e cultura material, tais como a pesca, a construção de canoas, remos e habitações, a confecção de zarabatanas e flechas, além do manejo agrícola voltado à abertura e ao cultivo de roças. Os mais velhos afirmam que se deve educar e ensinar os jovens e as crianças; até os adultos podem receber esses ensinamentos.

Helena (1997, p. 30) afirma: “aprende-se a geografia das matas, dos rios, das serras; a matemática e geometria para fazer canoas, remos, roças, cacuri”. São aprendizados milenares. A pedagogia tradicional orienta a ocupação contínua dos jovens nas dinâmicas cotidianas; dessa forma, na ausência das atividades agrícolas externas com as lideranças familiares, prioriza-se a dedicação às atividades domésticas e à produção de artefatos utilitários e artesanais com matérias-primas locais.





Homens e mulheres têm que estudar e aprender os ensinamentos de como educar para caçar, pescar e mexer com a agricultura e, de igual forma, como aprender naturalmente outros ensinamentos. Tudo isso tem que ser transmitido. Esses ensinamentos são repassados de pai e mãe para filhos e filhas, complementado pelas pessoas mais velhas da família, com os avós, obedecendo a ordem de gênero. E assim foi a cultura do povo Magüta naquele tempo, o bom fazer para homem e mulher e o ensinamento tem que seguir as regras dos pais.

No trabalho de mulher, elas têm que fazer artes naturais como argilas para fazer prato, caneco e outros. Saber como se mistura, se é com argila pura ou não, até que esteja pronto com o efeito de cimento de fazer casas hoje em dia. À vista disso, há os ensinamentos das mães e avós das jovens sobre aquele jeito, para que elas aprendam a fazer objetos que compõe parte da cultura. O homem deve saber qual árvore serve para fazer o que, pois, cada árvore serve para fazer um objeto, assim como cada uma tem seu próprio nome e a forma como retirar. A zarabatana, por exemplo, é resto de uma árvore que fica dentro da árvore que nunca apodrece; fazem um buraco para construir e virar zarabatana.

Ressalta-se que, na mata do Alto Rio Solimões, existem muitas árvores de tururis, que são utilizadas pelos indígenas para confeccionar roupas a serem usadas na festa da moça nova e em outros rituais, visto que as vestimentas tradicionais são usadas pelos mascarados. Para transformar o caule dessa árvore em tecido ou pano, é preciso ter estratégia. Para que aconteça a retirada, bate-se no tronco do tururi para que se abra e, depois, coloca-se para secar, já em forma de pano.

Segundo os mais velhos, não é retirado qualquer tururi, pois ele é sagrado. Antigamente, muitos povos, não só indígenas Magüta/Ticuna, utilizavam o tururis como pano para encobrir o corpo, porque não tinha coisa de roupas como hoje em dia. O povo indígena não usava mais para acobertar o seu corpo no cotidiano, mas nos momentos especiais.





Se não souber a sua história misteriosa, pode fracassar, pois, primeiramente, a árvore tem dono: se esse dono não concordar com a retirada do pano do tururi, a sua retirada não será boa; se o sujeito confirmar que é bom e sadio na vida, a pessoa terá permissão e a coleta será um sucesso, até o pano se abrirá bem e se transformará em um belo e longo tecido. Da mesma forma que acontecia nos tempos passados, atualmente não é qualquer pessoa que mexe ou retira no seu pé de árvore.

A atenção na retirada do tururis ocorre porque tem gota de sangue que pode infectar os olhos e trazer problemas na visão do ser humano, por isso os cuidados são primordiais. Se não conhecer o tururis ou não souber dos perigos, pode adquirir problemas sérios para o resto da vida. Portanto, na retirada é preciso chamar uma pessoa experiente para acompanhar e orientar. Quando ocorre tudo bem na retirada, dias depois começa o preparo: bate o tururis; durante dois dias batendo bem; e depois esfregando. Após, coloca no sol para secar, para que se transforme em pano ou roupas.

A partir do que foi exposto, percebe-se que, na cultura indígena Magüta/Ticuna, os velhos são os conselheiros e contam as histórias sobre o passado indígena para que as crianças sejam educadas de forma correta sobre os aspectos tradicionais. Continuando nesta perspectiva, seguimos para a seção que contempla os saberes de anciãos e anciãs a partir das narrativas orais.

5. NARRATIVAS ORAIS: SABERES DE GUARDIÕES E GUARDIÃS MAGÜTA

Antigamente, os velhos trabalhavam juntos e se reuniam nas roças, era o sentido da coletividade. Chamavam seus netos e crianças para dar conselhos e, quando iam tirar as cascas de mandioca, os pequenos estavam juntos para aprender. Mesmo não tendo conhecimento das letras, sabedoria tinham muita para repassarem. “Os narradores possuem habilidades orais de transmitir essas histórias de forma organizada, com seus propósitos para





não quebrar as regras de equilíbrio e cuidado com a vida de quem vive na Amazônia” (Pinto, 2023, p. 13).

Tudo aquilo que os velhos faziam de trabalho, as crianças cumpriam de fazer o mesmo. As crianças não pensavam maldades de seus avós, porque eles davam conselhos e assim iam aprendendo durante a infância. Via-se poucos jovens praticarem suicídio, hoje se vê mais. Atualmente, os velhos dão conselhos, mas os netos não querem mais respeitar o próximo. Nesse sentido, percebe-se muita inversão de valores em todas as classes sociais e isso repercute nas comunidades indígenas, principalmente nas mais próximas das cidades.

Matari (1998, p. 6) diz que “as histórias são andadoras, elas andam do começo do acontecimento até hoje. Elas são ensinadas assim: os mais velhos contam para as pessoas novas e elas contam para seus filhos e os filhos contam para seus descendentes”. As narrativas orais são repassadas como forma de ensinamento para os filhos, netos, bisnetos e os parentes mais próximos. Elas se fazem presentes nesse trabalho, transmitidas pelos velhos sabedores, que mantêm normas de contato e relacionamento com a floresta e seus viventes.

O pajé Manuelzinho contou que antigamente não era fácil de o jovem Magüta/Ticuna conseguir emprego, mas arrumavam companheira cedo. Os casais que já viviam juntos ouviam que precisavam se unir para trabalharem e se respeitar: não bater na companheira; fazer roças junto; fazer plantação de frutas; pescar e não deixar a companheira passar fome. Os conselhos eram repassados de forma coletiva para que não houvesse tanta desunião.

Quando se trata das narrativas, é importante destacar o igarapé Eware, onde estão todos os encantados da floresta e os seres vivos de várias espécies, como os cardumes de peixes que transitam em meio aos outros seres das águas. O lago pequeno de dentro do Eware tem coloração escura e avermelhada, com vários tipos de peixes que não se veem nos demais lagos da região.





Figura 9 - Cardumes de peixes dentro do Eware



Fonte: Silva, 2023.

Na mata se encontram árvores diferentes, como pé de buriti, pé de açaí, pé de iga, pé de arumã etc. Os velhos contam que as árvores do Eware são diferentes. Sobre a vegetação, Gruber (1997, p. 22) explica que “essa vegetação do Eware se chama *bunecü* porque é sempre pequena e nova como uma criança”. A mata é baixa, nunca cresce, nunca morre e permanece em miniatura, mas é de grande valor cultural.

No centro da mata, nas adjacências do local, existem grandes árvores, conhecidas como samaumeira, mas para o povo Magüta é *Wotchine*, uma árvore milenar que simboliza a vida, pois no interior existia e batia um coração vivo. A samaumeira foi a primeira árvore que existiu sob a visão do povo Magüta neste mundo e, quando cresceu, impedia de ver o sol, porque a grande árvore tapava com a sua vasta copa a luminosidade para a terra e assim a escuridão tomava conta de tudo. Isso até que os dois deuses que surgiram naquela época, *Yo’i* e *Ipi*, para ensinar os conhecimentos e organizar o mundo, como relata o mito de origem, resolveram derrubar a gigantesca samaumeira.

Na visão Magüta, foi por intermédio da samaumeira que hoje em dia existem os rios, lagos e igarapés. Tudo começou na ocasião da derrubada por *Yo’i* e *Ipi* da gigantesca samaumeira que encobria a passagem da luz para a terra. Quando ela desabou no chão, Gruber

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v. 4 n. 6 (2026) - DOSSIÊ ESPECIAL:
Conhecimento, Formação e Transformação Social

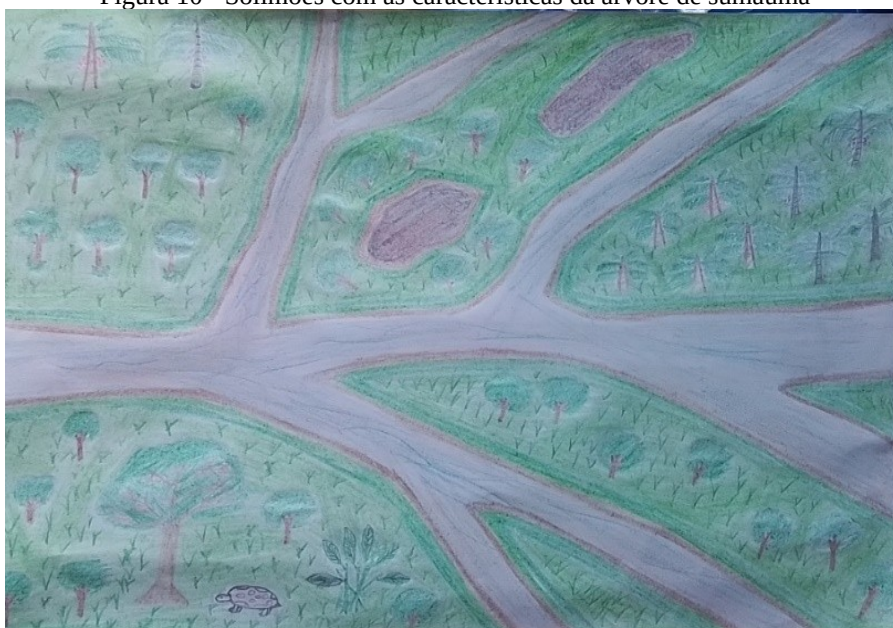
A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição
(CC BY)





(1997, p. 15) afirma: “[...] formou-se o rio Solimões”, de onde o povo retira seus alimentos. Motivo que leva a etnia a ver a samaumeira como um milagre deixado por seus deuses *Yo’i* e *Ipi*. Tudo o que surgiu na terra é obra do criador, assim com o rio Solimões com as características da árvore de sumaúma (ou samaumeira), como demonstra a figura a seguir.

Figura 10 - Solimões com as características da árvore de sumaúma



Fonte: Silva, 2023.

Para esse povo, o rio que surgiu a partir da samaumeira caída passou por profunda transformação e não é mais como antigamente, segundo relatos dos anciãos da comunidade de Otawari. Eles dizem que *Tautchi* tem parte nisso, quando derruba a terra que cai sobre o rio e vai modificando cada vez mais o curso das águas. Esse ser ancestral mitológico provoca o desmoronamento das terras, principalmente quando está em fúria devido à pesca predatória de jacarés. De acordo com a cosmologia, ele é o protetor e considerado o pai dos jacarés dos rios e igarapés.



Entre o povo Magüta/Ticuna, a história sobre a samaumeira é muito relatada porque traz a simbologia sobre os aspectos da vida e da continuidade por meio do coração que pulsava na entranha da árvore. Ainda em referência à samaumeira, na época dos antepassados, no início de tudo, a enorme árvore, além de escurecer o mundo, contribuía para que o tempo permanecesse sempre frio porque fechava o mundo para a claridade. Yo'i e Ipi ficaram preocupados. Tinham que fazer alguma coisa, então pegaram um caroço de araratucupi (*tcha*) e atiraram na árvore para ver se existia luz do outro lado; através de um buraquinho, os irmãos enxergaram uma preguiça real, que prendia lá no céu os galhos da samaumeira. Jogaram muitos e muitos caroços, criando, assim, as estrelas no universo. Contudo, ainda não havia claridade.

Yo'i e Ipi ficaram pensando e decidiram convidar todos os animais da mata para ajudarem a derrubar a árvore, mas nenhum deles conseguiu, nem o pica-pau. Houve o oferecimento da irmã *Aicüna* em troca para quem jogasse formiga-de-fogo nos olhos da preguiça-real. O quartipuru tentou, mas voltou no meio do caminho. Quem finalmente conseguiu foi o quati pequeno, Taine, que subiu (o seu tamanho contribuiu). Ele chegou até o fim da linha e jogou as formigas nos olhos da preguiça; sem saída, ela soltou o céu, a árvore caiu e a luz apareceu. Para se cumprir a promessa, Taine se casou com a *Aicüna*.

A árvore samaumeira tem seus donos: o curupira, o jabuti e o maguari. Ao passar por uma árvore dessa, é preciso pedir licença para que nada de ruim aconteça no caminho. O Magüta/Ticuna tem veneração pela samaumeira e não é à toa que representa o símbolo cultural do povo.

Na sequência, serão apresentadas algumas narrativas tradicionais que emergiram das entrevistas realizadas com os anciãos da comunidade Otawari. Mais do que relatos transmitidos entre gerações, essas histórias constituem importantes expressões dos saberes ancestrais, além de integrar a identidade, a memória coletiva e a visão de mundo desse povo indígena.





5.1 Velho Jacaria, conhecido como *Coya* (jacaré)

Essa história foi repassada pelo senhor Manuelzinho. Antes, existiu um senhor muito bravo e raivoso; quando não se escuta o que ele diz, acaba por bater nas mãos das crianças. Da seguinte forma foi a fala do Senhor Jacaria: “Meus netos, venham agora! Se junta de irem comigo, de saber qual a árvore que pode se derrubar, que serve para fazer canoa, qual seria a árvore que serve para fazer remo, de quantos centímetros, de fazer a zarabatana” (2025, informação verbal).

E foi embora conosco a procura de árvores pé de *Moruweta*. Ele apontou “essa árvore sim serve pra fazer canoa ou pode fazer canoa enorme se quiser ou canoa para pescaria ou canoa para se brincar sobre a água” (2025, informação verbal). Quando ele passou naquele lugar, foi procurar a árvore que serve para fazer remo e quando encontrou, apontou:

esse sim serve para fazer remo, quando quer se fazer remo essa é árvore e podemos derrubar. E podemos dar o centímetro do remo que queremos fazer, se for um metro e meio pode tirar a quantidade que queira fazer o remo, até que seja retirada. Diante disso, se coloca debaixo da água e depois de alguns dias tira o remo, seca e pinta ele (2025, informação verbal).

A partir das orientações transmitidas pelo historiador tradicional, identificou-se a espécie de madeira adequada para a confecção da zarabatana. Em seguida, realizou-se a coleta da matéria-prima na quantidade necessária, aplicando-se as técnicas ancestrais de manejo até a sua transformação no artefato final. Os saberes são importantes na educação tradicional para conectar o cotidiano contemporâneo à cosmologia originária, transformando a memória oral dos anciãos em um mecanismo vivo de transmissão cultural.

O Senhor Jacaria nos ensinou qual o *guré* (veneno) que seria dente da cobra queimada; junto com o breu, cozinha-se e mistura-se ao *guré*. Quando tudo estiver pronto, ele ensinou que pode colocar a ponta da zarabatana sobre o *guré*, experimentar, colocar dentro da zarabatana e assoprar para matar algum tipo de animal. Desse modo, consolida-se a prontidão das atividades e a autossuficiência do núcleo familiar.

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v. 4 n. 6 (2026) - DOSSIÊ ESPECIAL:
Conhecimento, Formação e Transformação Social

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição
(CC BY)





Constata-se, contudo, uma transformação contemporânea nessas dinâmicas, caracterizada pelo declínio na prática continuada de diversos ensinamentos ancestrais. Em consonância com essa realidade, Helena (1997, p. 69) argumenta que, a partir desse modelo pedagógico tradicional, “os meninos crescem mais corajosos e prestam muita atenção para não errar em nada”.

5.2 As caçadas do povo Magüta e os seres da floresta

O senhor Manuelzinho Nunes contou que, antigamente, gostava muito de caçar. Tinham o horário de saída e de chegada, porque naquela época a caçada era muito perigosa, muita coisa envolvida com o mundo espiritual. Ele conta que na hora da caçada apareciam monstros com poderes de matar o ser humano. Entre eles estava o mais conhecido, a mãe da floresta e dos animais, o mapinguari. Ele come gente viva e quem não ficava atento, logo perdia a vida.

Na saída das caçadas, recebiam as orientações dos conhecedores dos espaços e dos seres que cruzavam e dividiam os caminhos com os caçadores, coletores e pescadores. Histórias como essas são repassadas para que não se percam e sejam transmitidas às gerações futuras. Essas recomendações prévias funcionavam como códigos de conduta e segurança, ensinando os limites do respeito aos donos espirituais da floresta e as técnicas de leitura dos sinais da mata. Dessa forma, a partilha desses relatos orais atua como um mecanismo vivo. Matari (1998, p. 6) ressalta:

As histórias são contadas em tempos determinados. Quem conta a história hoje é o pai, a mãe, o avô e a avó e às vezes o irmão mais velho. A pessoa que gosta de ouvir história consegue gravar e consegue recontar para seus filhos. Então é assim que vem e assim que o povo na sociedade tem conhecimento das histórias até o nosso tempo de hoje.

Os Magüta são bons contadores de história, mas não se trata de qualquer uma. É a história real do povo, de vida, de luta, de conquista, mas também de perdas. Todas são relevantes

**Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v. 4 n. 6 (2026) - DOSSIÊ ESPECIAL:
Conhecimento, Formação e Transformação Social**

**A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição
(CC BY)**





porque são carregadas de aspectos culturais que vêm de fonte ancestral. Essas narrativas funcionam como um arquivo vivo da resistência Magüta/Ticuna, reconectando o cotidiano atual às origens míticas no Eware e aos ensinamentos passados de *Yo'i* e *Ipi*.

O passado mítico é determinado e explicado pela mitologia Ticuna e, também, sua relação entre si e com a natureza. Para eles, os animais eram humanos no tempo remoto, mas por causa da quebra de regras impostas não retornaram ao estado de serem humanos, se transformando permanentemente em animais ou em plantas; outros, ainda, foram encantados (*utügü*) (Vasques, 2021, p. 115).

Ao referir-se ao passado mítico e em destaque aos saberes ancestrais, a história do arco-íris (*woratchicuri*) foi contada pelo ancião Paulino Manuelzinho (*Naitchatecü*). No seu relato, mencionou que o ser das águas, Yewae, não pode ser encontrado somente nos lagos, igarapés e enseadas. Segundo o interlocutor: “Isto ocorre pelo reflexo da sombra de Yewae e tem uma atuação importante quando ocorre a transformação de flecha para arco íris” (*Naitchatecü*, informação verbal, 2025).

O registro e a transmissão desses saberes, seja por meio do trançado minucioso do arumã, do manejo respeitoso do tururi ou da reverência aos seres guardiões da floresta, consolidam-se como o verdadeiro escudo identitário da nação Magüta, garantindo a salvaguarda de sua memória coletiva diante das transformações do tempo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho intitulado *Saberes Magüta: lugar de fala e pertencimento ancestral* desenvolveu-se por meio de conversas junto aos indígenas mais experientes (anciãos e anciãs) de Otawari. Considera-se que a pesquisa traz reflexões sobre a cultura tradicional do povo Magüta da microrregião do Alto Solimões, no Amazonas, a partir da percepção dos moradores da referida comunidade.

As transmissões orais repassadas pelos mais velhos carregam a essência cultural que contribui com a sociedade. Porém, é possível perceber que o povo Magüta ainda enfrenta vio-

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v. 4 n. 6 (2026) - DOSSIÊ ESPECIAL:
Conhecimento, Formação e Transformação Social

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição
(CC BY)





lências e preconceitos por parte da sociedade não indígena, quando seus saberes e sua cultura são desconsiderados. Há uma visão errônea de que a alma e a cultura indígenas seriam inferiores, quando, na realidade, a perspectiva indígena expande-se além do visível, manifestando uma profunda sensibilidade em relação às pessoas, aos animais, às plantas e ao sagrado.

Evidenciar, a partir deste estudo, a riqueza cultural do povo Magüta mediante as vozes dos anciãos e anciãs constitui um elemento de valorização identitária. Diante disso, os objetivos traçados foram alcançados. Ao longo da trajetória, identificaram-se as narrativas tradicionais indígenas por meio da transmissão dos saberes dos antigos Magüta, o que possibilitou descrever as expressões orais Ticuna da comunidade de Otawari, evidenciando a textualidade e o valor cultural que elas possuem.

Essas narrativas funcionarão como registros a serem potencializados nas ações educativas e em outros espaços, gerando resultados positivos para a educação escolar. Esse processo reforça a diversidade sociocultural da educação indígena para que esta permaneça e seja transmitida às futuras gerações. Outro elemento relevante desta pesquisa é o direcionamento voltado para uma educação diferenciada, com o intuito de subsidiar a atuação docente futura e auxiliar as comunidades a seguirem os mesmos passos.

A condução deste trabalho propiciou uma reflexão profunda sobre a memória histórica, os conselhos e os ensinamentos transmitidos pelos anciãos para a construção de trajetórias coletivas sólidas. Além disso, a investigação permitiu ampliar o conhecimento sobre a cultura local e estimulou a aproximação com os detentores dos saberes ancestrais e tradicionais do povo Magüta. O contato com essas fontes de sabedoria favorece o desenvolvimento de pesquisas acadêmicas, impulsionando a formação de profissionais comprometidos com a continuidade histórica do povo.





REFERÊNCIAS

GRUBER, Jussara (Org.) **O Livro das Árvores**. Benjamin Constant: Organização Geral dos Professores Tikuna Bilíngue, 1997.

HELENA, Rosa Dias D. Silva. **A Autonomia Como Valor e a Articulação de Possibilidades**. São Paulo: USPFE, 1997.

KAMBEBA, Márcia Wayna. **O Lugar do Saber**. São Leopoldo: Casa Leiria, 2020.

MATARI, Kaiabi. **Histórias de Hoje e de Antigamente** - Professores Indígenas do Parque Indígena do Xingu. São Paulo: Instituto Socio-Ambiental; Brasília: MEC, 1998.

PINTO, Maria Auxiliadora Coelho (Org.). **À Sombra da Samaumeira**: narrativa sobre a floresta e rio. São Paulo: Alexa Cultural; Manaus: Edua, 2023.

POTIGUARA, Eliane Potiguara. **Ai-te Natureza!** Saquarema, 28 de outubro de 2021. Facebook: Eliane Potiguara. Disponível em: <https://www.facebook.com/elianepotiguaraoficial/posts/4399228083520793>. Acesso em: 05 jun. 2026.

SHIRAISHI, Joaquim Neto (Org.). **Direito dos Povos e das Comunidades Tradicionais no Brasil**: declarações, convenções internacionais e dispositivos jurídicos definidores de uma política nacional. Manaus: UEA, 2007.

VASQUES, Atos Fermin. **Memória e Resistência Indígena**. São Paulo: Alexa Cultural; Manaus: Edua, 2021.

Recebido em: 06/06/2026

Aprovado em: 10/06/2026

Publicado em: 16/06/2026

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v. 4 n. 6 (2026) - DOSSIÊ ESPECIAL:
Conhecimento, Formação e Transformação Social

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)

